Casos & . Causos

Por Nestor Leme

Ano de Copa do Mundo

A Seleção Brasileira bicampeã mundial de 1962 durante período de treinamentos em Serra Negra, com a presença de Pelé | *Arquivo de Nestor Leme*

Lá vai o Brasil para a disputa da Copa do Mundo e esta vai ser grande: serão quarenta e dois países disputando para sabermos quem tem o melhor futebol do planeta. Sendo que o Brasil é o único dentre os países filiados à Fifa que esteve presente em todas as Copas disputadas e sempre foi para as competições como favorito. Só que, nas últimas Copas, a coisa está feia. Há vinte e quatro anos não ganhamos nada e, nas últimas disputas mundiais, o time canarinho, como o Brasil é conhecido, só tem dado vexames. Nunca o futebol brasileiro foi tão mal nas Eliminatórias Sul-Americanas como desta vez: não conseguimos ganhar nem da Venezuela e perdemos até para a Bolívia, conhecidos sacos de pancada do nosso continente.

E tudo isto, em minha opinião, está acontecendo pelo êxodo de jogadores brasileiros que vão jogar em outros continentes. Hoje existem brasileiros jogando até no Afeganistão. E o pior é que estes jogadores vão embora muito cedo, saem tão novos que ninguém fica sabendo suas histórias. Assim sendo, estes atletas não têm mais raízes aqui e, acabando as disputas, voltam aos times onde jogam no exterior, sem ter de enfrentar ou serem saudados pela torcida.

Eu assisto futebol o dia inteiro e, quando vejo os jogadores convocados pelo técnico Carlo Ancelotti, que por sinal é italiano, confesso que há jogadores cujos nomes nunca ouvi, a não ser na hora da convocação. Pra falar a verdade, acho que o futebol brasileiro está acabando. É só ver o número de estrangeiros que jogam por aqui; em alguns times, já são metade do elenco.

E no interior do país a coisa está pior. Times de cidades grandes, como o Botafogo, de Ribeirão Preto, que disputa a Série B, que dá acesso à primeira divisão, jogam com o estádio vazio, numa cidade de mais de setecentos mil habitantes. E nas cidades menores a coisa está ainda pior.

Nos anos oitenta fiz parte do Conselho Municipal de Esportes e, naquele tempo, além do Serra Negra E.C. disputando a segunda divisão do futebol paulista, eram doze times disputando a primeira divisão e dezoito na segunda do campeonato amador local. Ou seja, eram mais de seiscentos jogadores correndo atrás da bola todos os finais de semana. Hoje são sete ou oito times disputando o campeonato local. Na zona rural a coisa está pior ainda: não existe mais um só time vivo na zona rural serrana.

Bem, vamos deixar de lamuriar pelo fim do nosso futebol e vamos para o causo de hoje, que logicamente tem a ver com este esporte. Assim que a Alice e eu casamos, comecei a frequentar a casa dos sogros, que moravam na Fazenda Campineiro, no Bairro do Brumado, e por isto logo arrumei uma vaga no time da roça, onde além de jogar também era capitão do time. Time em que também jogavam o João, o Pisca e o Zelão, irmãos da Alice, além do Dito Cabréla e do Miguel, casados com minhas cunhadas. Éramos mais da metade do time.

E num domingo daquele tempo apareceu para nos enfrentar o time da Quininha, recém-formado, com uniforme ganho de um candidato a prefeito de Amparo. E pelo que pude perceber dos adversários é que vários jogadores calçavam chuteiras pela primeira vez, pois mal conseguiam andar com as chuteiras novas. E foi começar o jogo que vimos que a coisa estava fácil, pois só no primeiro tempo já tínhamos marcado 5 a 0 nos visitantes. Quase no final do jogo, quando já ganhávamos de 8 daqueles coitados, criei situação para marcar o nono gol, mas aí surgiu o cunhado Zelão, livre debaixo da trave, e me pediu a bola, dizendo que nunca tinha marcado um só gol em sua vida. Lhe passei a bola e esperei o resultado. Ele veio na corrida, encheu o pé na bola e continuou pagão, como era, sem nenhum gol na carreira, pois a bola passou longe da trave dos adversários.

104,5 fm
SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria
Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19)
3892-2147
3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

ARTIGO

A natureza pede ajuda

Por José Renato Nalini

O bicho-homem tem se notabilizado como eficiente fabricante de desertos. O Brasil é um exemplo de como é fácil devastar e difícil regenerar.

A sociedade não se dá conta de que, ao exterminar a cobertura vegetal, elimina a fabulosa biodiversidade com que fomos privilegiados e apressa o fim da experiência humana sobre este sofrido planeta.

A esperança está na Academia e nos cientistas que têm noção mais precisa do risco que todos corremos. Um projeto do grupo de pesquisa sobre Agriculturas Emergentes e Alternativas da ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP, em Piracicaba, conduz pesquisa para implantação de sistemas agroflorestais biodiversos em assentamentos federais no Estado de São Paulo.

O objetivo é fortalecer a agricultura familiar e a sustentabilidade dos territórios de reforma agrária. Para isso, aprimora-se a política pública de implantação de sistemas agroflorestais, em colaboração com o Incra - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

Essa política de capacitação de pessoas para que o campo mereça profissionais habilitados e que se conscientizem de que é urgente uma cooperação de vários agentes para recompor o ambiente vulnerado, é algo que deveria ser replicado no âmbito de cada município.

Em momentos de geopolítica errática, no retrocesso da política ecológica em virtude de incrível negacionismo, é a vez e a hora das entidades subnacionais – sobretudo os municípios – assumirem o protagonismo heroico e salvífico do projeto humano. Além da regeneração natural, um projeto desses vai favorecer a criação de empregos verdes, vai fazer com que muitas famílias tenham condições de sustento digno, exercendo uma atividade que já foi a principal neste enorme celeiro ecológico chamado Brasil.

A partir desse experimento, é possível identificar áreas com potencial para expandir os sistemas agroflorestais em assentamentos paulistas, com foco nos impactos verificados e considerados os contextos biofísico, sociocultural e agroecológico, em consonância com os mercados consumidores.

Outras iniciativas convergentes com a intenção de reprimir o êxodo rural e de incentivar a permanência da juventude na lavoura, são muito bem-vindas. O Brasil só tem a ganhar se reconhecer que o agronegócio é e continuará a ser a "salvação da lavoura".

**José Renato Nalini é Reitor da UNIREGISTRAL, docente da Pós-graduação da UNINOVE e Secretário-Executivo das Mudanças Climáticas de São Paulo.*

Cultura . e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Assim nasceu o turismo

Assim Nasceu O Turismo | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Nosso Circuito das Águas respira turismo, mas será que realmente sabemos quem assinou a certidão de nascimento desse hábito de "botar o pé na estrada"? Para explicar, vamos montar uma "Festa das Nações" histórica. Começamos pela Grã-Bretanha, onde o galês Robert Owen (1771-1858) lançou um lema que soava como alquimia social: "8-8-8". Eram oito horas para trabalhar, oito para recreação e oito para dormir. Em uma época em que crianças de cinco anos eram engolidas por minas e fábricas, Owen defendeu que a produtividade não deveria depender da exaustão. Ao lutar pelas oito horas, ele defendia o direito de sermos algo além de engrenagens: o direito de ser pai, mãe, cidadão e indivíduo.

Mas o que fazer com essa novidade chamada "dia de folga"? Na época - e, convenhamos, para muitos até hoje - o balcão do bar parecia o único destino possível. Foi então que Thomas Cook, um pregador batista inglês, teve uma epifania em 1841: ele "inventou" o turista! Cook percebeu que, se oferecesse transporte organizado e cultura, as pessoas trocariam a taberna pela beleza do mundo. O turismo nasceu, vejam só, como uma tentativa de salvar o homem do vício através do deslumbramento.

A França deu o seu toque de mestre em 1936, transformando o lazer em direito com a criação das férias remuneradas. Pela primeira vez, era possível descansar (e até fazer turismo!) sem o medo de não ter como pagar as contas do mês!

E o Brasil? Bem, por aqui, Santos Dumont deu o passo definitivo para se tornar o "pai" do nosso Dia do Turismo. Inconformado com o fato de que as Cataratas do Iguaçu eram propriedade particular, ele convenceu o governo a desapropriá-las para que o povo pudesse "turistar". Se a paternidade é do aviador, a maternidade coube à presidente Dilma, que oficializou o 8 de maio como data comemorativa.

Por falar em mães, Anna Jarvis, a fundadora do Dia das Mães, viveu uma ironia profunda. Ela nunca teve filhos e passou seus últimos dias tentando cancelar a data, amargurada ao vê-la "sequestrada" pelo comércio. Para ela, o mercado transformou o amor em mercadoria - um paralelo perfeito com o que acontece hoje com o nosso tempo livre.

É curioso notar que a evolução do "descanso" (a pausa para não morrer de exaustão) para o "lazer" (o tempo para viver) ainda é uma batalha em aberto. Atualmente, discutimos a jornada 6x1 versus 5x2! É o fantasma de Robert Owen sussurrando que um único dia de folga mal basta para lavar a alma, quanto mais para "turistar". Em paralelo, enfrentamos um novo perigo: o sequestro do lazer pelo algoritmo. O descanso, muitas vezes, virou o trabalho de ser "influencer de si mesmo", onde o passeio só ganha vida se for validado por um "like". Mas, há um lado luminoso nessa vitrine digital. As redes sociais são também o nosso álbum de memórias infinito. Fotografar e postar é uma forma de eternizar o efêmero. É o que nos permite emocionar novamente ao rever o sorriso de uma pessoa querida ou a beleza de um pôr do sol nas nossas montanhas de Serra Negra, anos depois.

A questão, portanto, não é parar de registrar, mas aprender a olhar. Entre o suor das oito horas de Owen e a beleza das águas de Dumont, o que realmente importa é sabermos habitar o nosso tempo - e guardar o que dele vale a pena! Para que o seu clique seja uma ponte para a emoção, e não uma armadilha para o ego, o Museu ReArte (www.rearte.com.br) promove a Oficina de Fotografia Para Redes Sociais. Ministrada pela talentosa Natália Tonda, o evento é gratuito e acontece no dia 22 de maio (sexta-feira), às 18h30. As vagas são limitadas, então reserve seu lugar pelo WhatsApp (11) 98294-6468.